Arte | Educação | Performance
*Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura*

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

# ESTUDOS VISUAIS OU CULTURA VISUAL? CONTROVÉRSIAS, DISSENSOS E TENSÕES

## VISUAL STUDIES OR VISUAL CULTURE? CONTROVERSIES, DISSENSIONS, AND TENSIONS

## ¿ESTUDIOS VISUALES O CULTURA VISUAL? CONTROVERSIAS, DISENSOS Y TENSIONES

Lucas Pacheco Brum
Universidade Federal de Pelotas - UFPel - Pelotas/RS, Brasil

Maria Cecilia Lorea Leite
Universidade Federal de Pelotas - UFPel - Pelotas/RS, Brasil

REVISTA DA FUNDARTE

**Resumo**

Tendo como campo de teorização o campo dos Estudos Cultura Visual, este ensaio é um recorte de uma tese de doutorado já defendida, desenvolvida em um programa de Pós-graduação em Educação. O objetivo é discutir e tentar explicar as diferenças entre as expressões Estudos Visuais e Cultura Visual e como esta última se sobressai e se constitui como campo de estudo e de teorização. Compreendemos que essas duas expressões, muitas vezes, têm gerado equívocos teóricos e conceituais, no campo acadêmico, sobre a operacionalização dessas expressões. Enquanto a expressão Estudos Visuais se refere ao campo de investigações que estuda a Cultura Visual, a Cultura Visual se debruça aos objetos estudos, tais como os fenômenos culturais implicados no ato de *ver e ser visto*, as imagens das mídias sociais, as distintas representações criadas pelos seres humanos e as construções das experiências visuais da vida cotidiana. Concluímos que a segunda expressão é mais adequada, porque ela se refere tanto ao campo de estudo e como os objetos de estudos, por carregar a palavra “cultura”. Apontamos, por fim, a necessidade de pesquisadores/as que tomam visualidades como objeto de estudos estarem atentos às distinções epistemológicas implicadas no uso de ambas as expressões.

**Palavras-chave**: Estudos Visuais; Cultura Visual; Campo e objeto de estudo.

BRUM, Lucas Pacheco. LEITE, Maria Cecilia Lorea**.** ESTUDOS VISUAIS OU CULTURA VISUAL? CONTROVÉRSIAS, DISSENSOS E TENSÕES. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026,p.-1-27, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

**Abstract**

Having the field of theorization in the area of Visual Culture Studies, this essay is an excerpt from a doctoral thesis already defended, developed in a graduate program in Education. The aim is to discuss and attempt to explain the differences between the expressions Visual Studies and Visual Culture and how the latter stands out and constitutes itself as a field of study and theorization. We understand that these two expressions often generate theoretical and conceptual misunderstandings in the academic field regarding the operationalization of these terms. While the expression Visual Studies refers to the field of investigations that studies Visual Culture, Visual Culture focuses on the objects of study, such as the cultural phenomena involved in the act of seeing and being seen, images from social media, the distinct representations created by human beings, and the constructions of visual experiences in daily life. We conclude that the second expression is more appropriate because it refers both to the field of study and to the objects of study, as it carries the word “culture.” Finally, we point out the need for researchers who take visualities as objects of study to be attentive to the epistemological distinctions involved in the use of both expressions.

**Keywords**: Visual Studies; Visual Culture; Field and Object of Study.

**Resumen**

Teniendo como campo de teorización el campo de los Estudios de Cultura Visual, este ensayo es un recorte de una tesis de doctorado ya defendida, desarrollada en un programa de Posgrado en Educación. El objetivo es discutir e intentar explicar las diferencias entre las expresiones Estudios Visuales y Cultura Visual y cómo esta última se destaca y se constituye como campo de estudio y de teorización. Comprendemos que estas dos expresiones a menudo han generado equívocos teóricos y conceptuales, en el campo académico, sobre la operacionalización de estas expresiones. Mientras que la expresión Estudios Visuales se refiere al campo



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

de investigaciones que estudia la Cultura Visual, la Cultura Visual se centra en los objetos de estudio, tales como los fenómenos culturales implicados en el acto de ver y ser visto, las imágenes de las redes sociales, las distintas representaciones creadas por los seres humanos y las construcciones de las experiencias visuales de la vida cotidiana. Concluimos que la segunda expresión es más adecuada, porque se refiere tanto al campo de estudio como a los objetos de estudio, al llevar la palabra “cultura”. Finalmente, señalamos la necesidad de que los investigadores que toman las visualidades como objeto de estudio estén atentos a las distinciones epistemológicas implicadas en el uso de ambas expresiones.

**Palabras clave**: Estudios Visuales; Cultura Visual; Campo y Objeto de Estudio.

## Introdução

No campo das visualidades, há muitas controvérsias, dissensos, tensões e questionamentos entre pesquisadores/as, na tentativa de definir se é um campo dos Estudos Visuais ou da Cultura Visual, bem como *o que estuda* ou *os objetos de estudo* desse campo espinhoso. Para alguns, há uma preferência pela expressão de Estudos Visuais, para outros pela expressão de Cultura Visual. E há, ainda, aqueles/as que preferem denominar como campo dos Estudos das Imagens ou das Visualidades, sem, muitas vezes, conhecer com profundidade esses conceitos.

Ao adentrar nessa discussão, é preciso destacar que assumimos um lugar de fala do campo da educação, sobretudo desde a perspectiva de um Programa de Pós-Graduação em Educação, em que desenvolvemos uma investigação de doutorado. Esta última teve como um dos campos de teorização os Estudos da Cultura Visual. Nesse sentido, cabe esclarecer, há muitas divergências conceituais entre as áreas do conhecimento e os campos de estudos quando falamos de imagens, visualidades, Estudos Visuais e Cultura Visual ou Estudos da Cultura Visual.

Diante do exposto, este ensaio é um recorte de tese de doutorado já defendida, com objetivo discutir e tentar explicar as diferenças entre as expressões Estudos Visuais e Cultura Visual e como esta última acaba se sobressaindo e se constitui como campo de teorização. Assim, na primeira seção deste trabalho,



REVISTA DA FUNDARTE

discorremos sobre alguns apontamentos iniciais a partir dos Estudos da Cultura Visual, abordando os conceitos de imagens e visualidades, bem como os/as pesquisadores/as que se incluem no campo de estudos e de teorização dos Estudos da Cultura Visual, da Educação da Cultura Visual e dos Estudos Visuais.

Ne sequência, apresentamos algumas controvérsias, dissensos e tensões entre os/as autores/as e pesquisadores/as do campo dos Estudos Visuais ou da Cultura Visual sobre o *campo de estudo* e *objeto de estudo*. Ainda na segunda seção, são destacadas algumas questões problemáticas no que tange ao campo dos Estudos da Cultura Visual.

Assim, a justificativa do presente texto diz respeito a uma tentativa de contribuir, de alguma maneira, para as discussões acadêmicas nessa arena. A ideia é, então, apresentar uma discussão mais sedimentada e, de alguma forma, esclarecer as controvérsias, os dissensos e as tensões entre essas duas expressões. Na nossa perspectiva, esse debate não está bem resolvido conceitualmente e epistemologicamente entre aqueles/as que se dedicam aos estudos que têm como premissa as imagens, as visualidades e os modos de *ver* e *ser visto*. Isso gera, muitas vezes, equívocos e confusões teóricas e conceituais, como consta na próxima seção.

## Estudos da Cultura Visual: apontamentos iniciais

Foucault (2004) relembra que a constituição de qualquer campo de estudo nunca se efetua de modo congruente, equilibrado e harmônico, pois o poder produz saber. O autor afirma que "[...] poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder" (Foucault, 2004, p. 30). Como qualquer campo do conhecimento, a Cultura Visual também é um campo de saber, de poder e é desequilibrado. Para fins de esclarecimento, o campo dos Estudos da Cultura Visual nasceu no final de 1980, no Programa de Estudos Culturais e Visuais da Universidade de Rochester nos Estados Unidos, com a organização dos Programas de Doutorado nas áreas da cultura e do social, em disciplinas como Educação, Geografia, Antropologia e Sociologia em uma ideia de cultura proveniente dos Estudos Culturais Britânicos. O trabalho desenvolvido na



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

Universidade de Rochester emergiu para a institucionalização desse campo de estudos, contribuindo com seminários, que mais tarde originaram as primeiras publicações de livros marcantes para o debate na área.

Sérvio (2014), nessa ordem, argumenta que, no campo da Cultura Visual, há algumas linhas de pensamento. Estudos de alguns/mas autores/as dedicam-se a uma experiência visual específica, "aquelas mediadas por imagens" (Sérvio, 2014, p. 201). Essa concepção de experiência visual advém das ideias de Walker e Chaplin (2002, p. 42), os quais afirmam que os/a pesquisadores/as que analisam a Cultura Visual,

> [...] não estão interessados, principalmente, na forma como as pessoas veem o mundo, mas na forma como as pessoas veem as imagens estáticas ou em movimento e outros artefatos que foram feitos, em parte ou totalmente, para ser vistos.

A afirmação anterior, apesar de ser pertinente e de grande contribuição, tem uma ressalva: a "[...] experiência mediada por imagens é uma das principais divergências entre aquelas que investigam e trabalham como a Cultura Visual" (Sérvio, 2014, p. 201). O que se entende, principalmente no meio intelectual e acadêmico brasileiro, é que as experiências visuais mediadas por imagens não são restritas às imagens. Elas são uma parcela do guarda-chuva das visualidades no campo dos Estudos da Cultura Visual, como explica Mitchell (2002, p. 178): "[...] mesmo algo tão vasto como é a imagem, não exaure o campo da visualidade [...] o estudo da imagem visual é apenas um dos componentes de um campo maior", ou seja, o das visualidades. Desse modo, é mais pertinente pensar, conceitualmente, em visualidades como mediadoras das experiências visuais, uma vez que elas são tudo aquilo que nossa visão capta, prescindindo da reprodução ou uma cópia das aparências daquilo que é visto.

A partir do campo de estudo e de teorização dos Estudos da Cultura Visual, os conceitos de imagem e de visualidade são compreendidos como interseccionais, mas têm entendimentos diferentes. As imagens podem ser compreendidas como uma (re)produção, imitação, representação estática ou em movimento, por meios técnicos, de algo nos circunda. "A palavra imagem está ligada à imitação, à cópia: é mimogenética, ou seja, nasce da vontade de reproduzir" (Coli, 2005, p. 81).

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

As imagens são uma maneira de apreender o mundo em que se vive, as coisas, os seres, o espaço e o tempo, geralmente registrados em suportes bidimensionais. Elas abrigam tudo o que é visível e que podemos perceber visualmente a partir de diferentes materialidades. John Berger (1999), em um de seus ensaios, afirma que "[...] todas as imagens são feitas pelo homem" e que uma imagem é uma cena registrada, "[...] recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências" (Berger, 1999, p. 11) passíveis de visualizações.

As visualidades, a partir das perspectivas dos Estudos da Cultura Visual, constituem uma categoria conceitual mais ampla, a qual engloba as imagens, os objetos artísticos, os artefatos culturais do cotidiano, as fontes/meios visuais e qualquer aparência. O conceito de visualidade se dá a partir de como o olhar é construído e socializado no contexto cultural, social e histórico (Martins, 2018; Mirzoeff, 2016a; Mitchell, 2015; Sérvio, 2014; Walker; Chaplin, 2002). Em outras palavras, a visualidade é tudo o que é visível, sem, necessariamente, precisar da reprodução e da representação daquilo que é visto.

Sérvio (2014, p. 201) enfatiza que a Cultura Visual "[...] se organiza como campo de estudos a partir do momento em que tomamos consciência da força das dimensões culturais da experiência visual, ou seja, o que chamamos de visualidade". Para ele, parece ser incongruente crer que o campo da Cultura Visual tem como "foco exclusivo nas imagens" (Sérvio, 2014, p. 201). A posição do autor também é condizente com o que afirmam outros/as pesquisadores/as aqui mobilizados (Brum, 2024; Brum; Leite, 2023; Dias, 2014; Hernández, 2011; Mirzoeff, 2016a; Mitchell, 2002, 2003; Martins, 2012; 2018; Martins; Tourinho, 2010, 2014, 2015; Tavin, 2009a). Para os sujeitos citados, posicionar a Cultura Visual como vertente da teorização de estudo apenas de imagens é restringi-lo e limitá-lo. Alinhamo-nos ao exposto e refutamos a ideia de que esse campo de estudos centraliza os seus objetos meramente sobre as imagens, ou "estudos de imagens" (Sérvio, 2014). Ele é muito mais amplo e complexo, pois envolve os processos de visualização, as interações, as mediações e as recepções que os sujeitos têm com as visualidades e, sobretudo, as experiências sociais do *ver* e *ser visto* (Hernández, 2011; Mitchell, 2002; Martins; Tourinho, 2015; Tavin, 2009b; Tourinho; Martins, 2013).

Não temos nenhuma dúvida de que as imagens são essenciais para a composição dos objetos do campo da Cultura Visual. Porém, a crítica que fazemos é

que muitos/as autores/as tentam denominar esse campo como sendo específico de estudos sobre/de imagens, e não de visualidades. Essa linha de pensamento, portanto, exclui uma teia de experiências e de mediações visuais provocadas pelas visualidades, em diferentes contextos socioculturais, que agem sobre os sujeitos. No entanto, defendemos, trata-se de pontos que merecem estudos e análises.

Nesse sentido, Mitchell (2002), um dos mais relevantes autores do campo da Cultura Visual, ao discorrer sobre os objetos de estudo da Cultura Visual, entende que não são se trata apenas das imagens, e sim da dimensão cultural da experiência visual como um todo. As imagens, assim, são parte dos objetos de estudo desse campo, dentro do guarda-chuva das visualidades. É, no entanto, importante reforçar que estamos diante de um campo multifacetado e espinhoso, pois há muitas divergências, concordâncias e redundâncias entre os/as autores/as e pesquisadores/as em delimitar e conceituar o *campo de estudo* e o *objeto de estudo*.

Há, contudo, um grupo de estudiosos/as que preferem adotar a expressão Estudos Visuais (Brea, 2005; Dikovitskaya, 2006; Elkins, 2003; Smith, 2011; Pegoraro, 2011). Outro grupo opta por usar a expressão Cultura Visual ou Estudos da Cultura Visual e se insere nesse escopo teórico (Aguirre, 2009, 2010, 2014; Brum, 2017, 2020, 2024; Brum; Leite, 2023; Cunha, 2005, 2010; Charréu, 2012; Dias, 2008, 2011, 2014; Duncum, 2011; Freedman, 2006, 2008; Hernández, 2000, 2005, 2007, 2011, 2012, 2013; Knauss, 2006; Martins, 2005, 2006, 2007, 2009, 2010a, 2010b, 2011, 2018; Mirzoeff, 1999, 2002, 2003, 2016a, 2016b; Mitchell, 2002, 2003, 2012, 2017; Martins; Tourinho, 2010, 2015; Nascimento, 2010; Nunes, 2010; Nunes; Martins, 2014; Oliveira; Valle, 2014; Oliveira, 2007; Oliveira; Hernández, 2005; Sasso, 2014, 2018; Tavin, 2008, 2009a, 2009b; Tourinho, 2007, 2009, 2011, 2012; Victorio Filho, 2011, 2012, entre outros/as).

Incluímo-nos no segundo grupo de autores/as, uma vez que preferimos o uso da terminologia Cultura Visual para caracterizar esse campo de estudo. Nossa escolha se justifica por estar alinhada às produções teóricas dos/as intelectuais brasileiros/as e, ainda, pela maneira como essa nomenclatura foi se formando e se constituindo discursivamente nas discussões acadêmicas no decorrer dos anos no território nacional. Diante disso, é necessário sublinhar que, entre os próprios sujeitos que optam pela expressão Cultura Visual, há díspares concepções e posições da expressão.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Contudo, é preciso chamar atenção para aqueles/as que operam com as visualidades, com as imagens e com as questões que estão implicadas nos modos de *ver* e *ser visto* em suas investigações, nas suas diferentes maneiras de analisar e pesquisar o visual no campo epistemológico da Cultura Visual. Isso porque o campo em questão tem várias perspectivas de estudos. Alguns/mas autores/as desse grande grupo da Cultura Visual estão alinhados quanto a pesquisar as relações entre visualidades imbricadas nos processos educacionais, pedagógicos e curriculares, a partir de diversas perspectivas, materialidades, dispositivos e segmentos, diferentemente do primeiro grupo de pesquisadores/as.

É importante destacar que as relações entre visualidades e educação, para alguns/mas, são denominadas de Educação da Cultura Visual (Dias, 2011, 2012, 2014; Tourinho; Martins, 2011, entre outros/as) ou de Educação e Cultura Visual (Cunha, 2005, 2008). Não existe, assim, uma unanimidade entre os/as pesquisadores/as pelo uso dessas expressões que envolvem os processos educativos, curriculares, pedagógicos e visuais. Logo, todos/as confluem para o entendimento de que as visualidades e as imagens, principalmente aquelas que são dos universos dos/as estudantes, são centrais na cena pedagógica e curricular para o processo de crítica das representações e a emancipação dos/as estudantes.

A Educação da Cultura Visual, como preferem muitos/as autores/as, o que nos inclui, de acordo com Dias (2011, 2012, 2014), surgiu na metade do século XXI, principalmente nas práticas docentes do Ensino Superior. Trata-se de uma área compreendida como uma

> [...] concepção pedagógica que destaca as múltiplas representações visuais do cotidiano como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça (Dias, 2012, p. 60 - 61).

Dessa maneira, o mesmo autor esclarece que Cultura Visual e Educação da Cultura Visual não significam a mesma coisa. A despeito disso, as duas expressões estão associadas ao conceito de cotidiano, aproximando as imagens, ou seja, a Cultura Visual, da pedagogia. Assim, as imagens do cotidiano, no contexto educacional, passam a ser problematizadas e visualizadas como conhecimento.

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

Além disso, muitas vezes, orientam a maneira como vivemos, pensamos e construímos o conhecimento.

No caso dos/as autores/as brasileiros/as que usam as expressões Cultura Visual e/ou Educação da Cultura Visual (Brum, 2017, 2020, 2024; Brum; Leite, 2023; Campos, 2012; Cunha, 2005, 2010; Charréu, 2012; Dias, 2008, 2011, 2012, 2014; Martins, 2005, 2006, 2007, 2009, 2010a, 2010b, 2011, 2018; Martins; Tourinho, 2010, 2015; Nascimento, 2010; Nunes, 2010; Nunes; Martins, 2014; Oliveira; Valle, 2014; Oliveira, 2007; Sasso, 2014, 2018; Tourinho, 2007, 2009, 2011, 2012; Victorio Filho, 2011, 2012, entre outros/as), com a entrada deste campo de estudos no Brasil, destacam-se as influências espanholas, a partir das primeiras contribuições teóricas de Hernández (2000, 2007) no país.

Há, ainda, outro grupo de autores da Cultura Visual, como Mitchell e Mirzoeff, cujas bases conceituais e epistemológicas são inglesas – mais precisamente, estadunidenses. Esses autores, porém, não discutem e não centralizam as suas pesquisas nas questões educacionais e pedagógicas. Mitchell (2002, 2015), por exemplo, interpela a Cultura Visual pelo viés da história da arte, as interfaces entre visão e as diferentes linguagens, como as fotografias, as pinturas, a literatura, a mídia e a ciência das imagens. Já Mirzoeff (2002, 2003) trabalha na interseção entre a política e a Cultura Visual global/digital, o direito de olhar e o papel das imagens da cultura e na vida cotidiana.

Existe, ainda, outro grupo de autores/as e pesquisadores/as (Alloa, 2017; Aumont, 2007; Bohnsack, 2007, 2010; Didi-Huberman, 2010, 2017; Manguel, 2001; Panofsky, 2011; Rancière, 2017; Santaella; Nöth, 2001, entre outros/as) que usam imagens e objetos visuais em suas pesquisas, mas não se incluem na vertente teórica dos Estudos da Cultura Visual, pois não se utilizam dos conceitos e das bases epistemológicas desse campo. Muitos deles/as baseiam-se em conceitos das áreas da Filosofia, História da Arte, Semiótica, Antropologia, Psicanálise, entre outras, prescrevendo e decodificando os seus objetos de estudo sem se alinhar às teorizações dos Estudos da Cultura Visual.

Destacamos, nessa ordem, que, em um horizonte de investigações com fronteiras elásticas, o grupo de autores/as anteriormente mencionado pode contribuir de alguma maneira com suas discussões teóricas. No nosso entendimento, é problemático assumir uma posição de exclusão. Isto é, o fato de não se alinharem

Volume 2026
ISSN 2319-0868

às teorizações dos Estudos da Cultura Visual não significa que esses não possam fornecer auxílios conceituais e teóricos.

O campo das imagens, melhor dizendo, das visualidades, na sua abrangência, é um campo espinhoso e áspero, no qual "[...] parece não existir consenso relativamente ao significado e conteúdo do termo, na medida em que este ora aponta para uma área disciplinar ou temática" (Campos, 2012, p. 20). Por isso, precisamos estar atentos ao localizar e circunscrever nossos objetos de análise. Investigar as imagens ou o visual nem sempre se refere à Cultura Visual. Sobre isso, Martins (2007) chama atenção para outro ponto importante desse campo de estudos, que, muitas vezes, gera confusões. Segundo o autor, a Cultura Visual, ao dar ênfase às imagens, às visualidades, aos artefatos culturais, artísticos e às fontes/meios visuais como objetos de estudo, análise e investigação, "[...] não deve ser confundido[a] com a comunicação ou com os estudos sobre mídia que têm como foco os 'modos de transmissão'" (Martins, 2007, p. 28) ou de recepção.

Apesar de esse campo estabelecer íntimas aproximações com os campos de teorização da comunicação e das mídias, o autor alerta que essa diferença, apesar de ser, de certa maneira, sutil, tem gerado alguns equívocos e "[...] avaliações prematuras de pesquisadores, historiadores e professores de arte que, de maneira apressada e sem conhecer a literatura da área", concluem que Cultura Visual e "[...] 'estudos sobre mídia/comunicação' são a mesma coisa e, portanto devem ser tratados da mesma maneira" (Martins, 2007, p. 28 - 29).

## Estudos visuais ou cultura visual? Controvérsias, dissensos e tensões

Realizadas essas distinções entre intelectuais e compreensões do campo das visualidades, Knauss (2006) observa que, entre os/as autores/as do campo dos Estudos Visuais e da Cultura Visual, essas expressões nem sempre têm o mesmo sentido e peso. Ele explica que isso se dá pela divergência de pensamentos, formados em diferentes instituições acadêmicas. Nessas instituições, são moldadas posições epistemológicas e escolhas conceituais distintas que, por sua vez, definem as orientações dos trabalhos, as escolhas e as vertentes teóricas. Por essa razão, é importante ter cuidado com os critérios estabelecidos e os contornos teóricos efetuados em nossas pesquisas e estudos, pois nem sempre os/as autores/as,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

linhas conceituais e metodológicas se complementam e partilham da mesma escola de pensamento. Ao contrário, muitas vezes, eles se contradizem e há o risco de cairmos nos equívocos epistemológicos.

Para Mitchell (2002), por exemplo, Estudos Visuais é o campo de investigações que estuda a Cultura Visual. Sérvio (2014, p. 208, *grifos do autor*) perfazendo Mitchell, destaca que o "[...] campo de estudos chamar-se-ia Estudos *Visuais*, enquanto *o objeto de estudo deste campo seria a Cultura Visual*". Essa mesma percepção é ressaltada por Campos (2012, p. 22, *grifos do autor*), que afirma: "*Estudos visuais* (ou área disciplinar de cultura visual) como território de investigação; *Cultura Visual* como sub-universo particular no interior de um universo cultural, constituindo-se como objeto de estudo possível de exploração".

Vale lembrar que essa ideia também é endossada por Crimp (1998), para quem a Cultura Visual teria ou ficaria com os objetos de estudo e os Estudos Visuais com o campo de estudo, como área mais restrita dos Estudos Culturais. No texto de Crimp (1998), considerado um dos primeiros em que aparece a expressão Cultura Visual no Brasil, o autor não faz, em nenhum momento, referência a Mitchell. Não fica claro, no decorrer da leitura, se ele teve acesso ou não às produções teóricas e às problematizações acerca desse áspero e divergente campo, o das visualidades, por meio das concepções e estudos de Mitchell – ficamos com a dúvida.

No entanto, Mitchell (2002) afirma que, na prática, nos confundimos frequentemente com essas duas expressões, entre o campo e objeto de estudos. Por essas razões, ele prefere "[...] ampliar o termo 'cultura visual' de modo a abranger tanto a área como seu conteúdo e deixar que o contexto esclareça o seu significado" (Mitchell, 2002, p. 168). O que o autor demonstra, nessa amplitude do termo, é que tanto o campo quanto o objeto de estudo são definidos pelo contexto. Ou seja, as representações da moda, da publicidade, as séries televisivas, as redes sociais da internet, as histórias em quadrinhos, os brinquedos, os museus, os eventos artísticos e religiosos, entre outros, são alguns dos objetos de estudo da grande gama de visualidades que fazem parte da Cultura Visual.

Para Mitchell (2002, 2003), é um campo que estuda as diferentes mídias, as distintas representações criadas pelos seres humanos, a multiplicidade de fontes/meios visuais e as imagens das Artes Visuais, bem como as construções das experiências visuais da vida cotidiana. Para ele, ainda, a Cultura Visual não pode ser

demarcada somente como o campo de estudos da construção do social e do visual, em que as visualidades exercem e realizam experiências visuais, mas também como o estudo da construção visual e do social, "[...] o que permite tornar o universo visual como terreno para examinar as desigualdades sociais" (Knauss, 2006, p. 108).

A preferência pelo termo Cultura Visual deve-se ao fato de que é

> [...] menos neutro que 'estudos visuais' e por comprometer-se, logo de início, a uma série de hipóteses que precisam ser testadas por exemplo, que a visão é (como dizemos) uma construção cultural aprendida e cultivada e não somente concedida pela natureza (Mitchell, 2002, p. 168).

Apesar de o autor fazer esclarecimentos, desatando este nó e más compreensões entre os termos "Estudos Visuais" e "Cultura Visual", parece-nos que ele cria outra confusão ao referir que a "Cultura Visual" deveria designar tanto o campo como o conteúdo, ou seja, os objetos de estudo.

Essa observação é destacada por Smith (2011), ao entender que Mitchell (2002), ao introduzir essa segunda confusão, busca se afastar de uma ideia de Cultura Visual "*crítica* do que ele refere como a designação mais 'neutra' 'Estudos Visuais'" (Smith, 2011, p. 55, *grifos da autora*). A autora complementa que "[...] a palavra 'Estudos' implica certa neutralidade", como é afirmado por Mitchell (2002) na citação anterior. Ademais, tal neutralidade implica uma falta de "prática autorreflexiva e criticidade" (Smith, 2011, p. 55) dos próprios objetos de estudo, não tendo uma compreensão das relações de poder, políticas e circunstâncias dos objetos. Essa neutralidade "[...] também nos lembra de educação 'complementar', e não 'superior'" (Smith, 2011, p. 55), tais como Estudos Gerais, Estudos Introdutórios e assim por diante.

É por isso que a expressão Cultura Visual é mais pertinente para se referir aos estudos que envolvem o visual e as posições que os sujeitos tomam ao ver, perceber, observar, socializar e interagir com o que é visualizado. Mitchell (2002) explica que a palavra "cultura", como substância importante desse campo de estudos, é derivada dos Estudos Culturais; e a palavra "visual", dos Estudos do Cinema e da História da Arte. Ao juntar as duas palavras, *cultura* e *visual*, no nosso entendimento, o campo estuda e se dedica a uma parcela da cultura que é visual. Assim, surge o campo de Estudos da Cultura Visual. Dessa maneira, a Cultura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Visual e os Estudos Culturais confluem para a mesma direção quando colocam a cultura no centro das suas discussões como um campo de diferenças sociais, sobretudo de lutas, como espaços de contestação e conflitos de práticas de representação. Recorremos, então, a Hall (1997), um dos principais expoentes dos Estudos Culturais, que recorda que a cultura é um território contestado, e que ela penetra em todos os recantos da vida contemporânea, "*mediando* tudo" (Hall, 1997, p. 22).

Com isso, afirmamos que o visual ou as visualidades também estão atravessadas pelas/nas práticas sociais cotidianas, mediando tudo, estabelecendo as relações sociais de convivência entre os sujeitos e coletivos. O visual, o que se vê, assim, está envolvido nos nexos de poder e saber e na criação e circulação de significados no âmbito da vida social e política, a partir de práticas discursivas visuais. Nesse sentido, a visão, ou seja, o ato de ver, não é simplesmente um ato de percepção, e sim práticas culturais que fabricam nossas experiências visuais e nos produzem como sujeitos. Na concepção de Mitchell, segundo Hernández (2012), a visão,

> [...] não é apenas um ato de percepção, mas uma forma de expressão cultural e comunicação, não redutível para ser explicada nos mesmos termos da linguagem falada e escrita. O visual atua como um espaço de interação social e definição de subjetividades em termos de classe, gênero, sexo, etnia, ... Por que a cultura visual abrange um amplo espectro de experiências visuais (de imagens do cotidiano aos objetos que ligamos prazer ou horror estético) (Hernández, 2012, p. 20 - 21, *tradução nossa*).

Essa é uma das explicações mais plausíveis, na nossa compreensão, de que Mitchell (2002), nas palavras de Hernández (2012), entende e defende a Cultura Visual como campo de estudos e como os objetos de estudo. Seria um erro político deslocar ou trocar a palavra "cultura" por outra. Cultura abriga, no seu interior, todas as formas de imagens, visualidades, artefatos artísticos e culturais e, sobretudo, a visão como construção social e cultural. É por esse motivo que,

> [...] a palavra cultura encontra importância tão grande para a compreensão do campo que a expressão Estudos Visuais tornar-se-ia asséptica. O fato é que o termo Cultura Visual é hoje tão difundido

> para representar tanto campo quanto objeto que haveria mais prejuízos do que desvantagens em alterá-lo (Sérvio, 2014, p. 208).

Mitchell (2002, 2003, 2012, 2015, 2017) não é único autor a preferir a denominação Cultura Visual como campo e objeto de estudo. Nicholas Mirzoeff (1999) também tem predileções por essa denominação, pois, para ele, a palavra "cultura" carrega um peso para a campo de estudos, sobressaindo-se, em primeiro plano, as questões políticas, sociais e as relações de poder e saber que são intrínsecas à cultura. Não podem, assim, ser excluídas e subestimadas, já que, no nosso entender, as visualidades e as imagens, como qualquer outro artefato ou dispositivo cultural, são envolvidas nos processos de regulação, educação e construção de sujeitos. O autor defende, ainda, a necessidade de que o estudo da Cultura Visual seja posicionado como um estudo crítico, como "[...] uma tácita com a qual estudar a genealogia, a definição da função do cotidiano pós-moderno do ponto de vista dos consumidores, ao invés dos produtores" (Mirzoeff, 1999, p. 06).

A cultura pós-moderna justifica-se no seu posicionamento, pois é uma cultura global da visualidade, ou seja, "eminentemente visual" (Sérvio, 2014, p. 205), que está sob comando das tecnologias[1], em concepção alargada do termo, da imagem digital. O forte desenvolvimento da tecnologia digital é, para ele, o argumento das mudanças culturais importantes e emergentes, que deram predominância ao visual na contemporaneidade. Para compreender o domínio da cultura como visual, ele observa que o século XIX foi o período do jornal e do romance, ou seja, o da cultura verbal. Atualmente, a cultura denominada de pós-moderna poderia ser, assim, aferida e imaginada como visual.

Desse modo, melhor dizendo, sem a cultura impressa, seria impossível compreender o século XIX, uma vez que a mesma se deu sob o papel dos jornais e dos romances na vida das sociedades (Sérvio, 2014). Do mesmo modo, seria inconcebível compreender as sociedades em que vivemos sem as práticas de visualização, exposição e visibilidade. Isso se dá porque vivemos em contextos contemporâneos completamente visuais, carregados de "[...] práticas de produção,

[1] É importante salientar que o conceito de "tecnologia", utilizado por Mirzoeff (1999), refere-se tanto às pinturas, às esculturas e aos desenhos, entre outras linguagens artísticas tradicionais das Artes Visuais, como também ao cinema, à televisão, à internet e outras tecnologias contemporâneas.

circulação e recepção de significados" (Sérvio, 2014, p. 205), que forjam nossas subjetividades e formam nossas experiências visuais.

A Cultura Visual, assim, para o autor, afeta todas as discussões das disciplinas acadêmicas que utilizam ou "[...] lidam com a visualidade no contemporâneo" (Pegoraro, 2011, p. 42). Dessa maneira, não é restrita à arte ou às disciplinas acadêmicas que lidam com as linguagens artísticas. Antes, é um campo multifacetado, de pensamentos incompletos, abertos a diferentes possibilidades, que examinam os efeitos e as causas das visualidades na cultura contemporânea. Entretanto, Mirzoeff (1999) prefere o termo "visualidade" para denominar a conexão entre representação e poder cultural na época da globalização.

Essa ideia de "globalização", sustentada pelo autor, é de que a cultura é totalmente visual. Com isso, ele desmistifica a crença de que os objetos de estudo desse campo centralizam apenas as imagens legitimadas da história da arte, criticando, inclusive, autores/as que reduzem a Cultura Visual a apenas uma história das imagens, ou aqueles/as que admitem "[...] que é uma forma de criar uma sociologia da cultura visual que estabeleceria uma 'teoria social do visual'" (Mirzoeff, 2003, p. 21), tal como Jenks (1995), por exemplo. No entendimento de Mirzoeff (1999, p. 05), a Cultura Visual não depende, necessariamente, das imagens em si mesmas, mas da "[...] tendência moderna de figurar ou visualizar a existência".

Isso amplia a compreensão de que todas as culturas são visuais, pois visualizar é uma prática social e cultural. A abordagem desse campo, para o autor, é um modo de estudar a vida contemporânea do ponto de vista do consumidor, e não do produtor. Trata-se de como os sujeitos, os consumidores, buscam informações e prazeres nos meios e aparatos de tecnologias visuais. Nós acrescentamos, ainda, o seguinte: como os sujeitos se educam, se relacionam, forjam suas subjetividades e partilham suas experiências, emoções e sentimentos por meio da prática de visualidades nos diferentes aparatos visuais da vida cotidiana.

Para Mirzoeff (1999), o objeto de estudo é a cultura, pois, em sua percepção, todas as culturas são visuais. Mitchell (2002), no entanto, diverge dessa ideia, uma vez que não acredita que todas as culturas sejam visuais. O autor "[...] não acredita que possamos falar de uma hegemonia da visão" (Sérvio, 2014, p, 208). Mitchell explica que não é possível afirmar que uma cultura seja mais visual do que verbal, mais visual do que tátil, ou mais visual do que auditiva. Nas palavras de Mitchell

(2002, p. 172), é uma falácia o entendimento de "[...] uma dominação de mídias visuais e do espetáculo sobre as atividades do discurso verbal, da escrita, da textualidade e da leitura". A discordância entre eles é que Mitchell não admite que o sentido da visão seja mais importante do que os outros sentidos, como o tátil, o verbal e o auditivo, diferentemente de Mirzoef.

Contudo, apesar de suas divergências e das posições que defendem teoricamente, eles não se opõem totalmente. Isso é notório quando Mitchell (2002) esclarece que o campo de Estudos da Cultura Visual tem como seus objetos de análise e estudo tanto "a construção social da visão" quanto a "construção visual do social", como já aqui descrito. Ou seja, os dois autores se preocupam "[...] com a ideia de que nossos arranjos sociais são influenciados pelo fato de possuirmos o sentido da visão" (Sérvio, 2014, p. 209).

Entretanto, nos distanciamos da ideia aferida por Mirzoeff (1999, 2002, 2003, 2016a, 2016b) de que a cultura é visual. Consideramos perigoso assumir essa afirmação, colocando em primeiro plano a visão, ou seja, a ideia de que a cultura possa ser mais visual do que verbal, tátil e auditiva. Se assumirmos essa posição, poderíamos também afirmar que a cultura é auditiva, porque produz som de qualquer maneira. A cultura, portanto, é visual, auditiva, verbal e tátil. O que podemos considerar, nessa perspectiva, no nosso entendimento, é que, em diferentes culturas, com demarcações muito específicas e singulares, há culturas mais visuais do que verbais. Sendo assim, não podemos pensar a cultura como um conceito unitário, mas "em sua flexão plural – *culturas* – e adjetivado" (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 36).

O que queremos dizer é que, dentro de um dado contexto, se produz, se fabrica e se consome mais imagens do que em outros – não no sentido de visualidades, mas de reprodução e de circulação de imagens, sejam elas em movimento, digitais, 2D, 3D e impressas. Realizado esse distanciamento do posicionamento de Mirzoeff (1999), é preciso ressaltar que o autor fala de um contexto ocidental e inglês, que, de certa maneira, pode ser mais visual do que verbal e auditivo.

Martins (2007), nesse sentido, acrescenta que é frequente, por parte de alguns/mas profissionais, a ingênua e, por vezes, maliciosa compreensão de "[...] uma leitura literal do termo 'cultura visual', insinuando uma compreensão que

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

privilegia a supremacia do olhar ou o predomínio da visão em relação aos outros sentidos" (Martins, 2007, p. 29), como o da audição. Segundo o autor, seria grosseiro e contraditório associar "[...] à cultura visual uma noção de superioridade, de exclusividade ou de pureza do olhar, da visão" (Martins, 2007, p. 29), bem como a noção de pureza a um campo de estudos que traça críticas à supremacia da arte em relação a outras imagens e artefatos do cotidiano.

Dessa forma, Mirzoeff (1999), Mitchell (2002) e Martins (2007), assim como os/as demais pesquisadores/as da Cultura Visual aqui mencionados, compartilham do pensamento de que esse campo não se propõe a explorar o que os sujeitos olham, como uma mera percepção da visão, e sim considerar o ato de ver e de olhar como uma prática social, cultural e política, envolvida nas malhas do poder e do saber. Isso significa expandir o entendimento de que,

> O que hoje constitui o domínio do visual é um efeito de outros tipos de forças e relações de poder, e não um fato de caráter perceptivo. Isso nos leva à experiência estética já que não é possível reduzi-lo a informação, porque na era das imagens, há mais informações atrás de nós do que 'vemos' (Hernández, 2012, p. 30, *tradução nossa*).

Isso significa considerar que esse campo de estudo "não seria tanto um quê (objetos e imagens)" (Hernández, 2011, p. 34) ou um método de interpretação, de leitura, de decifração e de decodificação dos elementos visuais ou análise do que vemos. O campo se concentra em compreender as contingências e os processos operacionais de diferentes ordens discursivas das imagens, visualidades e artefatos artísticos e culturais que atuam nas sociedades e nos espaços culturais de "[...] interação entre o que vemos, e como somos vistos por aquilo que vemos" (Hernández, 2011, p. 34).

Nesse sentido, Mitchell (2002) aponta que a Cultura Visual não é somente um campo dos estudos das/ou com imagens, mas das experiências visuais que os sujeitos têm e produzem com elas em suas culturas. Dito em outas palavras, são as maneiras pelas quais experimentamos o visual por meio da cultura, via construções simbólicas. Portanto, a Cultura Visual trata das diversas maneiras que esta cultura, a qual denominamos visual ou visuais, está enredada no cotidiano e em todas as esferas da vida humana, construindo verdades, ideologias, hegemonias, segregando e unificando grupos, coletivos, corpos e pensamentos, através dos seus discursos.

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

## Considerações Finais

No percurso deste ensaio, buscamos esclarecer as expressões Estudos Visuais e Cultura Visual, bem como elucidar os conceitos de imagens e visualidades a partir do campo de estudos e teorização da Cultura Visual. Neste trabalho, objetivamos reunir fragmentos de discursos de pesquisadores/as que têm se dedicado aos estudos, análises, teorizações e problematizações referentes ao campo visual, no sentindo de explanar as diferenças entre ambas as expressões, bem como o *campo de estudo* e os *objetos de estudos*. Nossa intenção foi, ainda, explicar como a Cultura Visual se sobressai em detrimento da expressão Estudos Visuais. Desse modo, esperamos que este texto contribua com um discurso mais sedimentado sobre o uso dessas expressões para o campo de estudos e de teorizações da Cultura Visual.

Entendemos, assim, que os diferentes campos teóricos e áreas do conhecimento, como Filosofia, Semiótica, Artes Visuais, História da Arte, Antropologia, Psicanálise, Estudos Culturais, Estudos da Cultura Visual, Estudos da Mídia e Estudos da Comunicação são de suma importância para as investigações relacionadas às imagens e aos aspectos visuais[2], cada qual com as suas abordagens, epstemologias, conceituações e teorizações. Contudo, chamamos a atenção para a importância das escolhas, no contexto da produção acadêmica, dos campos e conceitos quando se opera com imagens ou visualidades, que, de alguma maneira, estão atreladas ao campo visual.

Cada área do conhecimento e campo tem suas perspectivas e filiações teóricas. Assim, é importante evitar confusões conceituais, adversidades entre pensamentos de autores/as e armadilhas teóricas, já que o campo das imagens e visualidades é permeado por disputas e interesses de diferentes campos de estudo e áreas do conhecimento. Isso não significa dizer que um campo de estudos ou área do conhecimento não possa contribuir e auxiliar o outro, desde que seja contextualizado e com e discussões e problematizações factíveis. Dito isso, esperamos que o presente ensaio traga luz, também, a conceitos e compreensões equivocadas sobre os Estudos da Cultura Visual.

[2] Aqui, estamos fazendo referência às imagens e aos aspectos visuais em um sentido amplo e genérico.



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

**Referências:**

AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p. 157-186.

AGUIRRE, Imanol. Conceptualización de experiencia estética y educación artística. *In*: **AA.VV Grupo de trabajo sobre educación y práctica artística**. Sesiones comentadas. Valladolid: Museo Patio Herreriano – Departamento de Investigación y Educación, 2010. p. 63-80.

AGUIRRE, Imanol. Entorno da aprendizagem entre jovens produtores de cultura visual: traços e características. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014. p. 247-274.

ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 2007.

BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco, 1999.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o método documentário. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 18, p. 286-311, jun./dez. 2007. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/5659. Acesso em: 23 jun. 2021.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens segundo o método documentário. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 114-134

BREA, José L. **Estudios Visuales**: la epistemologia de la visualidade em la era de la globalización. Madrid: Akal, 2005.

BRUM, Lucas Pacheco. **Imagens de referência**: uma trama entre cultura visual e a educação da cultura visual. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação em Artes Visuais) – Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/24513. Acesso em: 20 dez. 2020.

BRUM, Lucas Pacheco. Imagens de Referência e sua potência pedagógica no ensino de Artes Visuais. **Visualidades**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 01-19, abr./jun. 2020. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/53629. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRUM, Lucas Pacheco. **Interfaces entre imagens nos currículos de Artes Visuais**. 2024. 484 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024. Disponível em: Acesso em: 24 jun. 2025.

BRUM, Lucas Pacheco; LEITE, Maria Cecilia Lorea. Caminhos, direções e emergências nos estudos da Cultura Visual no século XXI. **Educação Em Foco**, [*S.l.*], v. 26, n. 48, p. 1-23, jan./abr. 2023. Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/7046/4610. Acesso em: 19 abr. 2024.

CAMPOS, Ricardo. A cultura visual e o olhar antropológico. **Visualidades**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 17-37, jan./jun. 2012. Disponível em: https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23083. Acesso em: 27 jan. 2023.

CHARRÉU, Leonardo. Imagens globais, cultura visual e educação artística: impacto, poder e mudança. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Culturas das Imagens**: desafios para a arte e para educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 39-54.

COLI, Jorge. O invisível das imagens. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 80-92.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 29 nov. 2021.

CRIMP, Douglas. Estudos culturais, cultura visual. **Revista USP**, São Paulo, n. 40, p. 78-85, dez./fev. 1998. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28422. Acesso em: 30 maio 2024.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual**: uma trama entre imagens e infância. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79457. Acesso em: 25 abr. 2021.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura visual e infância. *In*: REUNIÃO DA ANPED: CULTURA VISUAL, GÊNERO, EDUCAÇÃO E ARTE, 31., 2008, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPED, 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf. Acesso em: 26 out. 2021

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. As infâncias nas tramas da Cultura Visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola... Santa Maria: Editora da UFSM, 2010. p. 131-161.

DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo (org.). **Visualidade e Educação**. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual/FUNAPE, 2008. p. 37-53.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da Educação da Cultura Visual**. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.



REVISTA DA FUNDARTE

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura das imagens**: desafios para a arte e para educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 55-73.

DIAS, Belidson. O Cotidiano Espetacular e a Arte Educação. *In*: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice (org.). **Cultura Visual e o Ensino de Arte**: concepções e práticas em diálogo. Pelotas: Editora da UFPel, 2014. p. 42-59.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Devolver uma imagem. *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar Imagem**. Belo Horizonte: Ed: Autêntica, 2017. p. 205-225.

DIKOVITSKAYA, Margaret. **Visual Culture**. The Study of the Visual after the Cultural Turn. England: MIT Press, 2006.

DUNCUM, Paul. Por que a arte educação precisa mudar e o que podemos fazer. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 15-30.

ELKINS, James. **Visual studies**: a skeptical introduction. New York: Routledge, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar la cultura visual**: currículum, estética y la vida social de arte. Barcelona: Octaedro, 2006.

FREEDMAN, Kerry. Currículo dentro e fora da escola: representações da Arte na cultura visual. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2008. p. 126-142.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361. Acesso em: 23 out. 2020.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. *In*: OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (org.). **A formação do professor e o ensino de Artes Visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005. p. 23-42.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: proposta para uma nova narrativa educativa. Tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007



REVISTA DA FUNDARTE

HERNÁNDEZ, Fernando. A Cultura Visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 31-49.

HERNÁNDEZ, Fernando. Elementos para uma génesis de um campo de estúdio de las prácticas culturales de la mirada y la representación. **Visualidades**, [*S.l.*], v. 4, n. 1 e n. 2, p. 13-62, jan./jun., jul/dez. 2012. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17998. Acesso em: 11 jan. 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens. pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 77-95.

JENKS, Cris. **Visual culture**. London/New York: Routledge, 1995.

KNAUSS, Paulo O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406. Acesso em: 29 abr. 2020.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e de ódio. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. *In*: OLIVEIRA, Marilda de; HERNÁNDEZ, Fernando (org.). **A formação de professores e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005. p. 133-145.

MARTINS, Raimundo (org.). Sobre textos e contextos da cultura visual. **Visualidades**: revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual [Dossiê Cultura Visual], Goiânia, v. 4, n. 1-2, p. 5-11, 2006. Disponível em: https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17997/15782. Acesso em: 15 jan. 2024.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. *In*: OLIVEIRA, Marilda de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p. 19-40.

MARTINS, Raimundo. Narrativas Visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB**, [*S.l.*], v. 8, n. 1. p. 33-39, jan./jun. 2009.

MARTINS, Raimundo. Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. **Educação & Linguagem**, [*S.l.*], v. 13, n. 22. p. 19-31, jul./dez. 2010a.Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/2437. Acesso em: 22 abr. 2020.

MARTINS, Raimundo. Pensando com imagens para compreender criticamente a experiência visual. *In*: ASSIS, Henrique Lima; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira.



REVISTA DA FUNDARTE

**Educação das Artes Visuais na Perspectiva da Cultura Visual**: Conceituações, Problematizações e Experiências. Goiânia: Kelps, 2010b. p. 19-38.

MARTINS, Raimundo. Imagem, identidade e escola. **Salto para o futuro**: Cultura Visual e Escola, Rio de Janeiro, Ano XXI, Boletim 09, p. 15-21, ago. 2011.

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? **Visualidades**, [*S.l.*], v. 4, n. 1 e 2, p. 64-79, 2012. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17999. Acesso em: 14 jan. 2020.

MARTINS, Raimundo. Arte e cultura visual. *In*: GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; PEROTTO, Lilian Ucker (org.). **Licenciatura em artes visuais**: percurso 3. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018. (Coleção Licenciatura em Artes Visuais). Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/3/001.html. Acesso em: 10 jan. 2020.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola...Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Pedagogias Culturais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Encontros com sensibilidades em saudáveis desequilíbros da razão: atos e processos de aprender, pesquisar e ensinar. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: aprender... pesquisar... ensinar... Santa Maria: Editora da UFSM, 2015. p. 133-146

MIRZOEFF, Nicholas. **Na introduction to visual culture**. London/New York: Routledge, 1999.

MIRZOEFF, Nicholas. The subject of visual culture. *In*: MIRZOEFF, Nicholas (ed.). **The Visual Culture**. Reader. 2. ed. London and New York: Routledge, 2002. p. 3-21.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introdución a la cultura visual**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2003.

MIRZOEFF, Nicholas. O Direito a Olhar. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, out./dez. 2016a. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472. Acesso em: 17 ago. 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. **Cómo Ver El Mundo**: Una nueva introducción a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2016b.

MITCHELL, William John Thomas. Showing seeing. **Journal of Visual Culture**, [*S.l.*], v. 1, n. 2, p. 165-181, 2002. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/147041290200100202. Acesso em: 18 jul. 2022.



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

MITCHELL, William John Thomas. Mostrando el Ver: Una critica de la cultura visual. *In*: HOLLY, Michael Ann; MOXEY, Keith (org.). **Art History, Aestbtics, Visual Studies**, 2003, p. 17-40

MITCHELL, William John Thomas. O futuro da imagem: a estrada não trilhada de Rancière. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura das Imagens**: desafios para arte e para a educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 19-35.

MITCHELL, William John Thomas. **Image science**: iconology, visual culture and media aesthetics. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

MITCHELL, William John Thomas. O que as imagens realmente querem?. *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 165-190.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Visualidade e Infância até seis anos: versões em imagens e os desafios da educação infantil. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola... Santa Maria: Editora da UFSM, 2010. p. 15-36.

NUNES, Luciana Borre. A cultura visual nas tramas escolares: a produção de feminilidade nas salas de aula. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura Visual e Infância**: quando as imagens invadem a escola... Santa Maria: Editora da UFSM, 2010. p. 165-189.

NUNES, Luciana Borre; MARTINS, Raimundo. Um convite para “Educar/Pensar” infâncias líquidas. *In*: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice (org.). **Cultura Visual e o Ensino de Arte**: concepções e práticas em diálogo. Pelotas: Editora da UFPel, 2014. p. 169-188.

OLIVEIRA, Marilda de (org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

OLIVEIRA, Marilda de; HERNÁNDEZ, Fernando (org.). **A formação de Professores e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2005.

OLIVEIRA, Marilda de; VALLE, Dalla, Lutiere. Construcionismo Social e Educação: uma possibilidade para ensinar/aprender a partir do cinema. *In*: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice (org.). **Cultura Visual e o Ensino de Arte**: concepções e práticas em diálogo. Pelotas: Editora da UFPel, 2014. p. 117-14.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEGORARO, Éverly. Estudos Visuais: principais autores e questionamentos de um campo emergente. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano IV, n. 8, p. 41-52, maio 2011. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23351. Acesso em: 24 abr. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. As imagens querem realmente viver? *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 191-201.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SASSO, Leísa. **Livro-Objeto a/r/tográfico**: práticas de Pedagogia Cultural na periferia de Brasília. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação em Artes Visuais) – Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/16232. Acesso em: 19 abr. 2021.

SASSO, Leísa. **Educação em visualidades no "Chicão"**: Centro São Francisco do Distrito Federal. Tese (Doutorado em Educação em Artes Visuais) – Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_52070f4f37adac782d470ba59e9921d9. Acesso em: 24 jul. 2021.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. **O que estudam os estudos de cultura visual?** Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 196-215, maio/ago. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/12393. Acesso em: 18 jan. 2021.

SMITH, Marquard. Estudos visuais, ou a ossificação do pensamento. **Revista Porto Arte.** Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 43-62, maio 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/29621. Acesso em: 22 jul. 2020.

TAVIN, Kevin. Antecedentes críticos da cultura visual na arte educação nos Estados Unidos. *In*: MARTINS, Raimundo (ed.). **Visualidades e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008. p. 11-24.

TAVIN, Kevin. Contextualizando a visualidade na vida cotidiana: problemas e possibilidades do ensino da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009a. p. 225-239.

TAVIN, Kevin. Seeing and being seen: teaching visual culture to (mostly) nonart education students. **The Internationanl Journal of Arts Education**, [*S.l.*], v. 07, n. 02, p. 01-22, 2009b. Disponível em: https://ed.arte.gov.tw/uploadfile/periodical/2436_00010022.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da arte: algumas questões para reflexão conjunta. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOURINHO, Irene. Educação Estética, Imagens e Discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p. 141-156.

TOURINHO, Irene. Imagem, identidade e escola. **Salto para o futuro**: Cultura Visual e Escola, Rio de Janeiro, Ano XXI, Boletim 09, p. 09-14, ago. 2011.

TOURINHO, Irene. Imagens, pesquisas e educação: questões éticas, estéticas e metodológicas. *In*: TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (org.). **Cultura das Imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 231-252.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da Cultura Visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 51-68.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da Cultura Visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 61-76.

VICTORIO FILHO, Aldo. A Utopia da Educação na Cidade-Tudo: cultura visual e a formação em Artes Visuais. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 191-208.

VICTORIO FILHO, Aldo. Fabulações Escolares e Contemporaneidade: ensino da arte, jovens e a fartura de imagens. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Cultura das imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 151-173.

WALKER, John A.; CHAPLIN, Sarah. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Octaedro, 2002.

Recebido em:17/07/2025 .
Aceito em:26/04/2026 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

**Lucas Pacheco Brum**
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Mestre em Educação em Artes Visuais pela Universidade de Brasília - UnB. Especialista em Processos e Produtos Criativos pela Universidade Federal de Goiás - FAV/UFG. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS. Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Normalista pelo Instituo Estadual de Educação Osmar Poppe. Interesso-me pelos campos seguintes campos de pesquisas: imagens de referência, cultura visual, educação da cultura visual, pedagogias/visuais/culturais e/das mídias, currículo e visualidades não legitimadas pelo sistema da arte. Integro os grupos de pesquisa "Arte: criação, interdisciplinaridade, educação" da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS/CNPq, o Grupo de Pesquisa "Metodologias, Educação e Materiais em Artes Visuais" da Universidade de Brasília - UnB/CNPq e o Laboratório Imagens da Justiça da Universidade Federal de Pelotas - UFPel/CNPq. Associado na Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP. Associado a Associação Nacional de Pesquisadores em Educação - ANPEd. Integrante da Comissão Técnica do Plano Nacional do Livro Didático no Edital 2021, Objeto 3. Obras destinadas para Formação Continuada para Gestores do Ensino Médio. Integrante como Avaliador do Plano Nacional do Livro Didático no Edital 2023, Objeto 1. Obras didáticas de Arte destinadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental.
**ORCID:** https://orcid.org/0000-0001-7655-8463
**E-mail:** lukaspachecobrum@yahoo.com

**Maria Cecilia Lorea Leite**
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Pós-Doutora pela Université Paris 8. Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel e Licenciada em Letras pela Universidade Católica de Pelotas. Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Atualmente, é Vice-Presidente da Regional Sul da Sociedade Brasileira de Educação Comparada. É associada da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Integrou a Rede Judicial Images Network, da UK Arts and Humanities Research Council. Coordena o Laboratório Imagens da Justiça, que reúne pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Integra a Rede Internacional de Pedagogia Jurídica. É autora de trabalhos acadêmico-científicos nas áreas: do currículo, da gestão democrática, da educação jurídica, da pedagogia jurídica, das imagens da justiça e do ensino superior e universidade.
**ORCID:** https://orcid.org/0000-0002-9197-2299
**E-mail**: mclleite@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

BRUM, Lucas Pacheco. LEITE, Maria Cecilia Lorea**.** ESTUDOS VISUAIS OU CULTURA VISUAL? CONTROVÉRSIAS, DISSENSOS E TENSÕES. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026,p.-1-27, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br